

Dossiê
Arqueologia hoje

1

Arqueologia na Bahia: uma história em construção

Elvis Pereira Barbosa

1 A arqueologia na Bahia

Falar sobre a arqueologia na Bahia é realizar uma viagem no tempo para tentar entender as origens desta ciência e o seu significado para os pesquisadores que atuaram no Estado no decorrer do século passado. Nomes como os dos professores Thales de Azevedo, Carlos Ott, Valentin Calderón e tantos outros tiveram um papel de destaque no processo de construção da ciência arqueológica na Bahia. Mais do que a relevância de seu trabalho, eles influenciaram outros arqueólogos a seguir seus passos.

Como em outras partes do mundo, a Bahia viveu nos seus primeiros momentos da pesquisa em arqueologia, um estágio que pode ser classificado – guardando as devidas proporções – como antiquarista (DANIEL, 1992; TRIGGER, 1992), mas que poderia ser citado como um entusiasmo romântico, conduzido por pessoas que não poderíamos chamar de profissionais – refiro-me ao sentido lato da expressão, como aquele que vive da profissão ou que, para um conceito mais contemporâneo, emprega métodos científicos ao seu objeto de estudo. Foi esta a situação dos primeiros pesquisadores que ousaram trabalhar com arqueologia na Bahia, mas que ainda não viam a arqueologia como uma ciência.

Mas até que ponto este cientificismo esteve ausente destas primeiras abordagens? A metodologia científica, parte integrante de uma pesquisa acadêmica, fez-se presente em quase todos os

trabalhos, mas o seguimento de correntes do pensamento arqueológico, como temos hoje, através de escolas específicas, não se deu de fato nos momentos iniciais.

Ironicamente, os primeiros grandes arqueólogos a terem um papel de destaque no Estado – Vital Rego, Thales de Azevedo e Carlos Ott – tiveram sua formação acadêmica em outras áreas do conhecimento que não a arqueologia ou até mesmo as ciências sociais. Aos poucos, migraram para a antropologia, inicialmente antropologia física e assuntos relacionados à história natural nos cursos de geografia, história e ciências sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da Bahia, hoje Universidade Federal da Bahia.

O primeiro deles, Vital Rego, era médico em Salvador e montou uma pequena coleção de machados líticos coletados às margens do Rio São Francisco no início da década de 1940. Seu interesse pela arqueologia residia apenas na curiosidade. Consta da mesma época um artigo publicado pelo professor Thales de Azevedo no jornal *A Tarde* que descrevia a coleção do Professor Vital Rego (MAIO, 1996). Hoje, estes artefatos estão incorporados ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA – MAE/UFBA e são conhecidos como Coleção Vital Rego.

Outro pesquisador de destaque para a arqueologia na Bahia foi o professor Thales de Azevedo. Nascido em 1904 e falecido em 1995, é considerado um dos precursores dos estudos sobre antropologia na Bahia e, conseqüentemente, sobre arqueologia. Médico de formação, o professor Thales de Azevedo teve contato com a antropologia a partir do convite para integrar o corpo docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1941, na então Universidade da Bahia, ministrando a disciplina Antropologia Física e Etnografia do Brasil. Este passo foi fundamental para o desenvolvimento das ciências humanas na Bahia.

Assim como o professor Vital Rego, o professor Thales de Azevedo dedicou-se com afinco à coleta de artefatos e aos estudos

de antropologia, embora o professor Thales tenha uma contribuição mais expressiva, principalmente em decorrência do fato de ter sido um dos artífices do Laboratório de Arqueologia e Antropologia no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (ETCHEVARNE, 2005a; THALES DE AZEVEDO, 2007). A coleção denominada Thales de Azevedo está incorporada ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA).

O primeiro pesquisador a dedicar-se integralmente à arqueologia na Bahia foi o professor Carlos Ott. Nascido na Alemanha, em 1908, na cidade de Biringen, Estado de Württemberg, Karl Borromaeus Ott chegou ao Brasil na década de 20, do século passado, vindo a fixar-se em Salvador onde abandonou a vida de frade franciscano, passando a dedicar-se ao estudo e à pesquisa na área de história, sendo também um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (MONTEIRO, 2007).

Os trabalhos do professor Carlos Ott na área da arqueologia ocorreram por conta de algumas investigações que hoje poderíamos chamar de “amadorísticas”, mas que resultaram nas primeiras informações de cunho científico sobre os sítios arqueológicos da Bahia. Estas investigações abrangeram estudos de arte rupestre na Serra do Mulato, na região de Juazeiro; no sítio Buraco D'Água, na região de Campo Formoso; e a Toca do Cachimbo, em Serrinha, onde não foram encontradas sinalizações rupestres, mas sim material cerâmico (COSTA, 2005).

Estes estudos fizeram parte de duas obras. A primeira, *Vestígios de cultura indígena no sertão da Bahia*, de 1945, e a segunda, *Pré-História da Bahia*, de 1958, tornou-se um clássico da arqueologia da Bahia. Nessa obra, o professor Carlos Ott fez a descreveu alguns sítios espalhados pelo interior do Estado, além de apresentar o desenho de peças cerâmicas da tradição Tupiguarani com decoração pintada e com decoração plástica, corrugada e

ungulada, de áreas diversas como Jequié, no sudoeste, e Campo Formoso, ao norte.

O professor Carlos Ott continuou ligado à arqueologia da Bahia até o fim de sua vida. Pouco antes de morrer, publicou dois outros livros que continham basicamente o resumo das suas ações no campo arqueológico e a sua contribuição para a consolidação da arqueologia na Bahia. A coleção de artefatos por ele constituída faz parte do acervo do MAE/UFBA.

Talvez um dos pioneiros com papel de destaque mais relevante para os estudos de arqueologia na Bahia tenha sido o professor Valentin Calderón. Valentin Raphael Simon Juaquin Calderón de La Vara nasceu na Espanha, em 25 de julho de 1921, na cidade de Comillas, província de Santander, e pode ser considerado, oficialmente, como o responsável pelos primeiros trabalhos científicos no campo da arqueologia no Estado. Por ter uma formação acadêmica ligada à arqueologia – o professor Calderón já era arqueólogo desde a Espanha – a sua análise e interpretação da cultura material diferenciava-o da abordagem que até então era encontrada na Bahia: a coleta de material arqueológico no campo e a montagem de coleções (BARBOSA; SOARES, 1996).

De sua ligação com o professor Thales de Azevedo, ocorrida no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, surgiu o Laboratório de Arqueologia e Etnologia. Como primeiro trabalho deste Laboratório, o professor Calderón produziu aquele que é considerado o marco científico sobre a Pré-História da Bahia, os estudos relacionados ao Sambaqui da Pedra Oca. Este sítio, localizado no subúrbio de Salvador, teve os trabalhos iniciados ainda na década de 1940 e, devido ao detalhamento da escavação, tornou-se uma referência nas pesquisas arqueológicas fora do centro-sul do país (BARBOSA; SOARES, 1996).

No início dos anos sessenta e em conjunto com outros pesquisadores brasileiros, o professor Calderón integrou o primeiro grupo de arqueólogos designados para compor o PRONAPA

(Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), com o apoio e financiamento do CNPq e do Smithsonian Institution dos Estados Unidos. Em suma, estes profissionais deram forma àquele que seria considerado, para a época, o mais arrojado programa de pesquisas na área das ciências humanas no Brasil. Basta lembrar que o período era delicado em relação às questões políticas internas, o país vivia sob uma ditadura militar e aquela era, de certa forma, uma oportunidade para abrir novos horizontes de pesquisa, embora os aspectos teóricos e metodológicos empregados sejam hoje questionáveis e vistos com ressalvas pela comunidade científica (DIAS, 1995; FUNARI, 2000).

O professor Calderón ficou responsável pelo registro e catalogação dos principais sítios arqueológicos do Estado. Graças ao PRONAPA, foram catalogados sítios na região norte, na Chapada Diamantina, no Recôncavo Baiano, no sul, no além São Francisco, na Região Sudoeste e no Extremo Sul. A sua contribuição é relevante, como mostra Carlos Costa (2005, p. 55):

[...] foi ele quem efetivamente assentou as bases para o desenvolvimento da arqueologia científica no estado; até hoje, quarenta anos depois, seus trabalhos são referências aos estudos das populações pré-coloniais do Nordeste. Muitas das classificações de tradições arqueológicas de cerâmica, de representação rupestre e de lítico devem-se aos estudos de Calderón; algumas, por exemplo, ainda são muito utilizadas, como a tradição lítica Itaparica e a tradição cerâmica Aratu. Na reserva técnica e arquivo do MAE a quantidade de documentos e materiais arqueológicos de seus trabalhos é imensa .

Em 1974, com o declínio das atividades do PRONAPA e ao lado de outros professores da UFBA, o professor Calderón criou a Associação de Arqueologia e Pré-História da Bahia – AAPHBa. Com esta Associação, conseguiu abrir novas frentes de trabalho no campo da arqueologia, como Sobradinho, Monte Pascoal, Itaparica

do São Francisco e Casa da Torre (BARBOSA; SOARES, 1996).

O professor Calderón ainda atuou na criação do Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia e foi presidente da Fundação Cultural da Bahia. Faleceu em 30 de outubro de 1980, aos 59 anos. Entre as suas últimas atividades ligadas à arqueologia, está a criação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia – MAE/UFBA que, em 1981, por intermédio de alguns dos seus colaboradores, os professores Maria Rosário G. de Carvalho e Pedro Agostinho, foi inaugurado no prédio da antiga Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus.

A contribuição de Calderón para o desenvolvimento da arqueologia na Bahia é significativa, e como consequência imediata da sua ação no Estado temos alguns desdobramentos. Com a sua morte, os trabalhos no campo da arqueologia tiveram uma breve interrupção; iniciou-se um período de estagnação na produção de artigos e novas pesquisas.

Outros pesquisadores ligados a Calderón passaram a desenvolver ações individuais no campo da arqueologia. Esta foi a situação do professor Ivan Dórea. No início das atividades da AAPHBa, ele participou ativamente dos trabalhos de campo junto à equipe do professor Calderón – de quem era amigo pessoal. Posteriormente, passou a dedicar-se integralmente à Universidade Católica de Salvador - UCSal e à realização de trabalhos através do Centro de Estudos das Ciências Humanas. Ainda hoje está vinculado à arqueologia através de trabalhos em conjunto com empresas de Arqueologia de Contrato.

Entre o final dos anos 1980 e início de 1990, alguns pesquisadores do sul do Brasil se instalaram no Estado e deram início a alguns trabalhos sistemáticos, como a professora Maria Beltrão, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, e suas pesquisas na região Central, entre o norte da Chapada Diamantina e o Médio São Francisco.

Na década de 1990, as ações no campo da arqueologia foram aos poucos retomadas, tendo o MAE/UFBA como principal

vetor do processo. Data deste período a participação de Carlos Etchevarne, como professor da UFBA e atuante no MAE/UFBA. Apesar de trabalhar com arqueologia desde meados dos anos 1980, somente nos anos 1990 é que o professor Etchevarne passou a atuar intensivamente na área.

No final da década e com as comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, uma nova frente de trabalho foi aberta na Bahia através da construção da infra-estrutura da cidade de Porto Seguro. Desta forma, o MAE/UFBA criou o Núcleo Avançado de Pesquisas Arqueológicas – NAPAS e novos pesquisadores fixaram-se na cidade, contribuindo na produção de novos trabalhos arqueológicos. Inicialmente, o NAPAS teria a função de desenvolver a pesquisa arqueológica através da UFBA e novos núcleos seriam criados em outras cidades. Apenas Porto Seguro efetivou o NAPAS e levou a cabo o Programa de Mapeamento de Sítios Arqueológicos do Litoral Sul e Recôncavo Baiano (ETCHEVARNE, 2005b).

Com o início século XXI, um novo cenário se apresentou para a arqueologia na Bahia. O NAPAS, em Porto Seguro, teve suas atividades encerradas e a guarda do material arqueológico passou a ser mantida pela ONG Acervo – Centro de Referência em Patrimônio e Pesquisa, que estabeleceu uma nova perspectiva para a arqueologia no extremo sul do Estado. Comandando a Acervo, encontra-se o arqueólogo Luiz Viva, que expandiu as ações da nova organização através de convênios firmados com instituições de ensino superior e assumiu a responsabilidade dos acervos de empresas que trabalham com arqueologia de contrato dentro e fora do Estado.

Com o colapso do NAPAS, outro grupo foi constituído na Faculdade de Filosofia da UFBA, vindo a formar o atual Laboratório de Arqueologia da UFBA, abarcando alguns profissionais que tiveram formação inicial nas turmas dos cursos de Museologia e de Ciências Sociais. Posteriormente, sob a iniciativa do

professor Etchevarne, foi constituído um curso de Pós-Graduação voltado especificamente para a arqueologia, na Universidade Federal da Bahia.

As primeiras defesas em arqueologia deste novo curso foram de Henry Luydy Abraham Fernandes, com a dissertação *Os sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba-BA*, e de Ana Cristina de Sousa, com a tese *Povoados de Cachoeirinha e Massaranduba (Vale do Jequitinhonha, BA): a relação entre espaço, agentes e contexto sócio-econômico* (SOUSA, 2006).

Outros dois exemplos de novos pesquisadores oriundos das turmas de Museologia e Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, respectivamente, são Carlos Costa e Áurea Conceição Pereira Tavares, mestres em arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Eles, juntamente com os alunos de Ciências Sociais e Museologia da UFBA compõem a renovação na arqueologia baiana, a partir da cidade de Salvador.

Esta renovação, incentivada pelo MAE/UFBA, acontece em um momento especial, onde foi possível conciliar a captação de verbas oriundas de órgãos públicos, como foi no momento das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil e dos 450 anos da cidade do Salvador, com projetos acertados e profissionais que estavam ligados, direta ou indiretamente, ao Museu, como, por exemplo, Clovês Macedo e Letícia Barros Motta, mestres em Arqueologia pela USP e Luiz Augusto Viva, mestre em Ciências Sociais pela UFBA.

Apesar de a arqueologia na Bahia ter sido conduzida durante muito tempo apenas pela UFBA, outras instituições de ensino superior passaram a ter interesse pela área. Esta é a situação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB que, em meados da década de 1980, através do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC, manteve uma equipe interdisciplinar na região de Canudos, que escavou o Arraial de Belo Monte e as principais zonas onde se desenrolou o conflito de Canudos no final do século XIX

(ZANETTINI, 1996). As atividades de arqueologia de campo na região de Canudos foram retomadas, de forma emergencial, em 1997, em decorrência da seca e da consequente redução do nível de água do açude de Cocorobó.

Além da UNEB, a Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC vem desenvolvendo ações voltadas para a pesquisa de campo em arqueologia. Note-se que, durante a reforma curricular do curso de História, em 1996, foi criada a disciplina Introdução à Arqueologia, passando a ser oferecido a partir de 1999 como optativa aos seus alunos. No mesmo ano, o Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UESC (CONSEPE) aprovou a realização do primeiro projeto de pesquisa na área de arqueologia, *Mapeamento de sítios arqueológicos do município de Ilhéus* (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ, 1999). Em 2006, foi criado o Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia – NEPAB, ao tempo em que tiveram início as pesquisas com sambaquis na região de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia (MORALES, 2006). Além desses projetos de pesquisa, o NEPAB, coordenado pelos professores Elvis Pereira Barbosa e Walter Fagundes Morales, tem estabelecido convênios com instituições e ONG para ampliar as possibilidades de trabalhos na área.

Outras instituições de ensino superior da Bahia iniciaram a elaboração de uma série de projetos de pesquisa em arqueologia. Foram os casos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) com os trabalhos coordenados pela professora Marjorie Cseko Nolasco e sua equipe, através do mestrado em Tecnogênese, e do Núcleo de Pesquisas em Geologia; da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com a realização isolada de pesquisas coordenadas pelo professor Joaquim Perfeito sobre as sinalações rupestres no sul da Chapada Diamantina.

2 A evolução das técnicas de abordagem de sítios arqueológicos na Bahia

No processo de consolidação da arqueologia na Bahia, enquanto ciência, alguns aspectos chamam a atenção, entre eles a evolução das técnicas de pesquisa. Os primeiros trabalhos de coleta de artefatos feitos pelos professores Vital Rego e Thales de Azevedo, apesar da importância que tiveram para a época, se concentraram apenas na montagem de coleções para expor ao público vestígios da Pré-História da Bahia. Estes pesquisadores são classificados como antiquaristas, haja vista os critérios utilizados por eles para a coleta de artefatos que diferem, totalmente, das atuais abordagens de campo.

Nos primeiros trabalhos sistemáticos desenvolvidos pelo professor Carlos Ott, observa-se uma preocupação em descrever a área do sítio e a sua inserção nos diversos compartimentos paisagísticos, dando ênfase à constituição do solo, às condições climáticas da região e à vegetação do entorno do sítio. No caso do professor Ott, esses trabalhos abordavam apenas os painéis rupestres, realizando uma descrição das figuras (COSTA, 2005).

No que tange ao professor Calderón, é possível encontrarmos um primeiro salto de qualidade na técnica de abordagem dos sítios, uma preocupação mais científica, pautada principalmente na metodologia dominante à época do PRONAPA - como a análise quantitativa dos fragmentos cerâmicos e o estabelecimento de fases e seriações, segundo os parâmetros estabelecidos por Ford nos anos 1960 (BROCHADO, 1969; ETCHEVARNE, 2005a).

Ao longo da década de 1980, a preocupação dos diversos pesquisadores era a de registrar o maior número de ocorrências arqueológicas e classificá-las imediatamente como sítios arqueológicos, evidenciando a quantidade de fragmentos (cerâmicos ou

líticos) recolhidos na superfície, as dimensões da área e a abertura de prospecções que variavam de 1m x 1m a 2m x 2m feitas de maneira aleatória no terreno (CALDERÓN et al., [20--]). Mas esta abordagem estava longe de ser uma análise processual ou pós-processualista. Neste sentido, da década de 1940 até meados de 1980, pouco se avançou nos aspectos teóricos e metodológicos para compreensão do sítio arqueológico e dos seus artefatos.

Da mesma maneira, as técnicas de identificação dos sítios consideravam os seguintes aspectos: informações de moradores, declives do solo, coloração do terreno, tipo de vegetação, objetos superficiais, rochas com vestígios de atividade humana e cacos de cerâmica encontrados na superfície (CALDERÓN et al., [20--]). Dentro do universo da pesquisa arqueológica desenvolvida no Brasil à época, não existia variação nas técnicas de abordagem dos sítios, mas esta situação persistiria por mais tempo devido à queda na produção científica e às limitações quanto ao número de arqueólogos dedicados aos trabalhos na Bahia.

Esta metodologia de abordagem dos sítios arqueológicos dominou o cenário baiano até meados de 1990, quando a entrada de novos arqueólogos e o emprego de novas técnicas de análise transformaram a maneira como eram tratados os sítios. De fato, ocorreu uma mudança de paradigma na metodologia arqueológica não apenas na Bahia, mas em grande parte dos centros de pesquisa em arqueologia no Brasil, com o advento dos intercâmbios internacionais e a constituição de novos grupos de pesquisadores no Centro-Sul do país.

Os intercâmbios e a formação de novos grupos de pesquisa alteraram os rumos da arqueologia brasileira a partir deste período, apontando para direções diferentes das abordagens consolidadas pelo PRONAPA. O advento de novos conceitos teóricos, principalmente a arqueologia processualista e pós-processualista, promoveu a alteração da metodologia de campo e um novo debate em torno da teoria arqueológica.

Paralelo a estas mudanças, o papel da UFBA, gradativamente, foi sendo modificado enquanto principal promotora da ciência no Estado. Ao longo do século XX, ela havia dominado o cenário da produção científica nas diversas áreas do conhecimento na Bahia e isto também é válido para a arqueologia. O advento de novos pesquisadores e a efetivação das universidades estaduais baianas como centros de pesquisa distantes da Região Metropolitana de Salvador deram um novo impulso à pesquisa de um modo geral e isso abriu novos campos de estudos.

Hoje encontramos o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas nas diversas regiões da Bahia, realizadas por um relativo número de pesquisadores e com a participação de profissionais oriundos de outros Estados, possibilitando um avanço significativo no aprimoramento dos aspectos teóricos e metodológicos da arqueologia. A abertura do mercado de trabalho aos novos profissionais possibilitou este avanço. Ademais, a descentralização das pesquisas e das fontes financiadoras contribuiu para o crescimento da arqueologia na Bahia.

3 À guisa de conclusão

A arqueologia conseguiu conquistar espaço em diversos setores que atuam com pesquisa. Apesar dos retrocessos ocorridos ao longo dos anos, dos debates intensos nos campos da teoria e da metodologia de campo e, em determinados momentos, da escassez de profissionais qualificados para atuarem nos projetos, a arqueologia tem conseguido se consolidar, enquanto ciência.

O cenário que se apresenta neste novo século é de abertura e de avanço na pesquisa em arqueologia para a Bahia. As novas frentes de trabalho, abertas nos anos 1990, têm proporcionado um incremento na qualidade das pesquisas e na incorporação de um acervo considerável ao patrimônio arqueológico baiano. O

que antes estava concentrado apenas no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA como reserva técnica, tem se distribuído em, no mínimo, quatro direções distintas, além de Salvador: Feira de Santana, através do Núcleo de Pesquisa em Geologia da UEFS; Ilhéus, através do NEPAB/DFCH/UESC; Porto Seguro, através da ONG Acervo; Vitória da Conquista, através do trabalho iniciado na UESB.

O atual impulso nos trabalhos arqueológicos na Bahia deve-se, em parte, à Arqueologia de Contrato, que tem proporcionado a prospecção de novos sítios numa velocidade maior que a encontrada ao longo dos anos 1960-1970 durante a realização do PRONAPA. Este fato é um pouco contraditório, uma vez que a Arqueologia de Contrato é realizada por empresas com a finalidade de resgatar os vestígios arqueológicos em áreas que serão impactadas por obras de infra-estrutura ou empreendimentos que alterem a disposição das camadas do subsolo, mas, nem sempre estes trabalhos conseguem gerar uma produção científica consistente (FUNARI, 2000).

Atualmente, com os rigores da legislação ambiental e da específica para a arqueologia (LEI FEDERAL 3924/61; PORTARIA IPHAN nº 230/2007), os trabalhos arqueológicos conseguiram um espaço maior e, conseqüentemente, os centros de pesquisa não conseguem atender ao volume de trabalho que tem surgido ultimamente. Ao mesmo tempo, as empresas que se dedicam à Arqueologia de Contrato não têm a obrigação de fazer uma pesquisa nos moldes acadêmicos. É interessante a ocorrência deste impasse entre a existência de verbas para a realização de trabalhos promovida pela Arqueologia de Contrato, a pouca produtividade científica comparada ao volume de trabalhos de campo encontrados nestes resgates e a produção científica nos centros de pesquisas onde a arqueologia tem de disputar verbas com outras áreas do conhecimento.

Uma solução encontrada por algumas instituições de pesqui-

sa tem sido a formação de convênios para ter acesso ao material arqueológico resgatado no campo. Com isto, é possível a constituição e consolidação de grupos de pesquisa além da capacitação de novos profissionais para o mercado de trabalho. Na medida do possível, algumas das instituições de pesquisa encontradas na Bahia têm buscado esta saída. Pode não ser a melhor opção, mas é uma iniciativa viável em médio prazo, ainda mais no momento em que o mercado de trabalho apresenta sinais de crescimento. Para tanto, basta observar a constituição do curso de graduação em Arqueologia ofertado pela Universidade do Vale do São Francisco (UNIVASF), na cidade de São Raimundo Nonato, no Piauí. O curso tornou-se viável a partir do significativo trabalho desenvolvido na região pelos arqueólogos da Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM.

O cenário para a arqueologia baiana apresenta-se em expansão, tanto do ponto de vista científico quanto do ponto de vista profissional. Trata-se de uma situação semelhante àquela encontrada no início do século passado, quando algumas pessoas passaram a se interessar pela arqueologia para tentar entender a origem do homem na Bahia. Os trabalhos seguem rumo à consolidação dos grupos de pesquisa, apontando para um futuro de crescimento. Falta agora abrir novas frentes, como a realização de novos cursos de pós-graduação em arqueologia, mas esta é uma etapa que está por se constituir e os arqueólogos que atuam hoje na Bahia têm esta responsabilidade em suas mãos.

Algumas dissertações e teses em Arqueologia defendidas por pesquisadores que foram formados ou atuam na Bahia

BARBOSA, E. P. *Significantes, significados e símbolos na interpretação da cerâmica arqueológica*. 1999. Dissertação (Mestrado em História)– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

COSTA, C. **A influência do Colégio dos Jesuítas na configuração da malha urbana de Salvador-BA (1549-1760)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)– Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

ETCHEVARNE, C. A. **Sítios dunares: uma contribuição à arqueologia do sub-médio São Francisco**, 1991. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

_____. **Appropriation des ressources du milieu dans la Pré-Histoire du Cours Moyen du Fleuve São Francisco**. 1995. Tese (P. H. D.)– Institut de Paléontologie Humaine Muséum National D'histoire Naturelle, Paris, 1995.

FERNANDES, H. L. A. **Os sepultamentos do sítio Aratu de Piragiba-Ba**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. 2 v.

MACÊDO NETO, C. **A linguagem dos seixos: tecnologia de debitagem sobre seixos em dois sítios sob abrigos no Sub-Médio São Francisco**. 1996. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

MOTTA, L. B. **A tralha doméstica e o processo de urbanização de Porto Seguro**. 1998. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NASCIMENTO, L. A. V. **A primeira igreja do Brasil: Arqueologia e preservação**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SILVA, J. P. **Pinturas rupestres: estruturas e representação em Minas Gerais e Bahia**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)– Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SOUSA, A. C. **Povoados de Cachoeirinha e Massaranduba (Vale do Jequitinhonha, BA): a relação entre espaço, agentes e contexto sócio-econômico**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)– Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

TAVARES, A. C. P. **Vestígios materiais nos sepultamentos da antiga Sé de Salvador: postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)– Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

Referências

BARBOSA, E. P.; SOARES, I. D. Valentin Calderón: vida e obra. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 8., 1995, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 151-154. (Coleção Arqueologia, v. 1, n. 1).

BRASIL. Decreto-Lei nº 3924/61, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. **Eric**, XOOFS, 2008. Disponível em: <[HTTP://www.sitiosãofrancisco.org.br/modules/smartsection/print.php?itemid=8](http://www.sitiosãofrancisco.org.br/modules/smartsection/print.php?itemid=8)>. Acesso em: 29 jul. 2008.

BROCHADO, J. P. et al. **Arqueologia brasileira em 1968**: um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969. (Publicações Avulsas, 12).

CALDERÓN, V.; SOARES, I. D. C.; JÁCOME, Y. D. B. A. **Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico**. Salvador: CHESF, [20--].

COSTA, C. Sítios e representação rupestre da Bahia (1950-1990): levantamento dos dados primários das coleções arqueológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA). **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, Xingó, n. 6, p.139-157, dez. 2005.

DANIEL, G. **Historia de la Arqueologia**: de los anticuarios a V. Gordon Childe. 3 ed. Madrid: Alianza, 1992.

DIAS, A. S. Um projeto para a Arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, n. 19, 1995.

ETCHEVARNE, C. A. As pesquisas arqueológicas no âmbito da Universidade Federal da Bahia. In: _____. **Memória do Seminário Arte Rupestre no Nordeste do Brasil**: pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres. Salvador: UFBA/FFCH, 2005a. p. 11-32.

_____. O patrimônio arqueológico na Bahia. Breves considerações sobre o estado atual da questão. In: _____. **Memória do Seminário Arte Rupestre no Nordeste do Brasil**: pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres. Salvador: UFBA/FFCH, 2005b. p. 33-39.

ETCHEVARNE, C. A. **Sítios dunares**: uma contribuição à arqueologia do sub-médio São Francisco, 1991. Dissertação (Mestrado em Arqueologia)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

FUNARI, P. P. Como se tornar arqueólogo no Brasil. **Revista da USP**, São Paulo, n. 44, p. 74-85, 2000.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). Portaria nº 230, de 17 de dezembro de 2007. Dispõe sobre os procedimentos para a obtenção de licenças ambientais referentes à apreciação e acompanhamento das pesquisas arqueológicas no país. **IPHAN**, Brasília, DF, [20--?]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=337>>. Acesso em: 28 jul. 2008.

MAIO, M. C. Thales de Azevedo: desaparece o último dos pioneiros dos antropólogos brasileiros de formação médica. **Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. III, n. 1, p. 133-171, mar.-jun. 1996. Fundação Osvaldo Cruz.

MONTEIRO, F. Carlos Ott (1908-1997): alemão radicado na Bahia foi pioneiro em estudos de Arqueologia e Pré-História. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, [2007?]. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=619>>. Acesso em: 16 dez. 2007.

MORALES, W. F. **Os sambaquis do Sul da Bahia**: um estudo sobre o uso e organização espacial inter e intra sítio no baixo curso dos rios Buranhém e João de Tiba, municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia, BA. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz/FAPESB/CNPQ, 2006.

_____; BARBOSA, E. P. **Mapeamento arqueológico das bacias dos rios Cachoeira e Almada**: um estudo de Arqueologia Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2006.

THALES DE AZEVEDO. **Biografia**. [s.l.:s.n.:19--]. Disponível em: <<http://www.thalesdeazevedo.com.br/biografia.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2007.

TRIGGER, B. G. **Historia del pensamiento arqueológico**. Barcelona: Crítica, 1992.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ. **Mapeamento de sítios arqueológicos do município de Ilhéus**. Ilhéus, 1999. 39 p.

ZANETTINI, P. **Arqueologia Histórica de Canudos - relatório preliminar**. Salvador: Centro de Estudos Euclides da Cunha / UNEB: Portfolium, 1996.

_____. Por uma arqueologia de Canudos e dos brasileiros iletrados. **O olho da História: Revista de História Contemporânea**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 167-171, 1996.

Recebido em: 4 de fevereiro de 2008.

Aprovado em: 26 de fevereiro de 2008.